

***Horácio Costa, José Saramago: 06 de novembro de 1985, entrevista e apresentação; posfácio de Saulo Gomes Thimóteo, Cotia, São Paulo, Ateliê Editorial, 2022 (91 pp.)***

**Maria Aparecida da Costa**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

A partir da incursão por um Diário, esse instrumento guardador de memórias, Horácio Costa traz à luz uma entrevista feita com o escritor José Saramago na década de 1980. O “esquecimento” das fitas, bem como sua publicação 35 anos depois, é justificado no prefácio feito pelo entrevistador no livro *José Saramago: 06 de novembro de 1985*. É importante salientar como o sacrifício imposto pela famigerada Covid-19 contribui para isso, pois é quando o poeta e pesquisador resgata as fitas esquecidas e traz uma conversa com o escritor, naquela época, pouco conhecido José Saramago. O prefácio do livro *José Saramago: 06 de novembro de 1985*, (2022), inicia com um fragmento do diário de Horácio Costa, onde narra como foi o primeiro contato com o escritor português, bem como foi engendrado o agendamento da referida entrevista. Costa avulta, sobretudo, a importância desse diário para rememorar o dia do encontro que, depois de tanto tempo, já não tinha mais vivo em sua memória. Mas, cujo resgate, no ano de comemoração do centenário de José Saramago, seria simbólico.

Em 1985, ano da entrevista, José Saramago já contava mais de sessenta anos de idade, o que não é pouco para alguém que, de certa maneira, estava iniciando como escritor. Todavia, entre os 50 e 60, tinha publicado 4 romances: *Manual de Pintura e Caligrafia* (1976), *Levantado do Chão* (1980), - livro que levou o Prêmio Cidade de Lisboa em 1980 -, *Memorial do Convento*, (1982) e *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, (1984), ou seja, em menos de dez anos se dera o início de seu ofício como escritor, conforme aponta Costa (16). Ao contrário do entrevistado, Horácio

Costa, por sua vez, era um estudante de pós-graduação, cuja pesquisa, para a qual buscava uma bolsa de estudos em uma fundação portuguesa, seria sobre Saramago. A pesquisa é concluída, com bolsa, e, posteriormente, se transformou no livro *José Saramago: O período Formativo* (1997).

Ainda no prefácio da entrevista, Costa questiona o intervalo entre a escrita mais “madura” de Saramago e o tempo anterior a isso, ou seja, o que o escritor havia feito até então, uma vez que não poderia ter iniciado toda a vida literária com mais de cinquenta anos. É sabido que José Saramago não teve uma formação tradicional acadêmica, mas que aprendeu o ofício praticando. Além disso, se estabelece enquanto escritor em um ambiente pós-ditadura e, portanto, representativo de um elitismo intelectual, típico dos regimes totalitários, o que não colabora em nada com a formação de um homem vindo de um ambiente desfavorecido e escamoteado socialmente. Perante estas questões, Saramago não poderia ser um escritor comum, como veio exitosamente se confirmar mais tarde, “Longe estávamos de pensar, àquela altura, que poucos anos depois o mais importante crítico literário norte-americano da segunda metade do século, Harold Bloom [...] qualificaria o José [Saramago] de “o maior narrador vivo” (16).

Embora Horácio Costa afirme a todo tempo alguns deslizes enquanto entrevistador, pode-se perceber que a entrevista segue uma coerência estrutural e pode ser compreendida em um percurso com dois momentos importantes: o primeiro vislumbra um escritor e sua relação com a linguagem; o segundo baliza como Saramago se constituiu enquanto escritor, ou seu “período formativo”, conforme nomeia o entrevistador.

Ao ser questionado como seria a relação de Saramago com as “leituras do barroco” e como isso chega à linguagem do entrevistado, o escritor responde que o Barroco é como “um ponto de chegada”, “ponto de perfeição, se a palavra existe, ou se o estado de perfeição existe” (26-27), ou seja, Saramago ressalta como assimila e se relaciona com a língua portuguesa, elevando seu *status* a um outro lugar, como uma língua musical, “quase operática” (27), e assinala, “A língua portuguesa do século XVII é como se fosse um ser acabado, perfeito. Até aí, crisálida, e no século XVII, subitamente, inseto perfeito” (27). Saramago ainda reitera que o foco de sua linguagem é a oralidade; no entanto, reforça não ser a oralidade no sentido tradicional, mas a busca de uma oralidade no sentido científico, assimilado a partir da prosa barroca que elege como o que sedimenta suas ideias sobre a língua perfeita. Na esteira dessa compreensão, eclode a importância da linguagem na construção de um texto literário que, de acordo com o escritor, é gestado antes de sair para o papel. Ele afirma que quando escreve não costuma “burilar” mais em seus textos; se comparando, pois, a um “atleta” que “fizesse exercícios, aquecimento interior, até o momento em que me ache preparado para começar a correr[...]” (25). Nesse viés, o escritor segue fazendo

uma incursão pela formação da língua portuguesa, focando na linguagem estabelecida no século XVII, cuja representação da perfeição, para ele, está no Barroco, lugar em que a língua é cristalizada em sua totalidade.

Impelido por esta concepção, de buscar uma linguagem que se aproxima da “prosa sermônica” (26), conforme define Costa, Saramago afirma que no Barroco a língua disse tudo; e vai além quando reitera que a língua depois do século XVII não tem mais muita inovação, que ali se firmou a língua portuguesa no seu “dizer tudo”. Ele admite, pois, a importância de escritores como Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós, sendo eles basilares em sua formação como leitor. No entanto, no período do século XVIII e XIX, ainda segundo o escritor, a língua caiu em algo como “uma nuvem e se perdesse a si própria” (33). Nesse esteio, Saramago confirma o Barroco como período fundamental para a cristalização da língua portuguesa e o padre António Viera como o “grande homem da língua” (33).

Outro aspecto que fica potente durante a entrevista é a preocupação levantada pelo ganhador do Nobel com seus leitores. Ela se manifesta, sobretudo, em como seu texto será lido, uma vez que Saramago tem o leitor como uma espécie de ouvinte; e, nesse sentido, falar/escrever é igual fazer música: instintivo, mas, ao mesmo tempo sofisticado, um paradoxo bem ao estilo gralha, isto é, elaboradíssimo, no entanto fluido, portanto, sermônico, como afirma Horácio.

Vale destacar, ainda, na entrevista, um ponto até curioso na relação de José Saramago com a vida de uma forma geral, mostrando uma falta de desejo/tesão/paixão pelas coisas: “Eu não sou uma pessoa para sentir grandes dores, e também não sou uma pessoa para sentir grandes prazeres.” (60, 61). Isso chama atenção para um homem que se julga “sem dor ou prazer”; sem excesso, que reitera uma falta de intensidade pelas coisas, defendendo quase um mornidão pelos acontecimentos da vida; contudo, na contramão dos efeitos de seus textos nos leitores, que nunca saem imunes das leituras de seus livros.

Por fim, Costa questiona Saramago se ele encontra a tradição dentro do século XVII, e o escritor afirma que o que ele cria está no intervalo “entre o tempo passado que escrevo e o tempo futuro tem o tempo presente”, completando que não procura a mimese, “procura ficção” (42). O escritor ainda pontua que seus primeiros escritos podem ser considerados como “pecados da juventude”, e cita o romance *Terra do pecado*, como exemplo disso. Para ele, antes do *Manual de Pintura e Caligrafia* (1973), era apenas um escritor circunstancial, não tinha um projeto de escrita. Assim, somente depois desse romance, ele decide ser um escritor *full time*, e então surge o *Levantado do chão*, romance em que ele acha o jeito de dizer o que queria e que o alça a um outro patamar como escritor. José Saramago ainda fala sobre o romance que está em gestação que é o *Jangada de Pedra* (66) e do projeto de escrever, pelo que sugere, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. O escritor finaliza dizendo que se recusa a repetir fórmula que deu certo, preferindo, assim, arriscar-

se em novas possibilidades. E se mostra bem resolvido com seu projeto literário, se considerando, apenas no plano ideológico, um neorrealista.

Horácio, portanto, em seu encontro com Saramago, relata como se dá sua compreensão sobre a obra de um escritor e afirma precisar entender tal obra como um todo, uma vez que não se consegue compreender um escritor somente com o fragmentado dos estudos que acontecem nas academias. Para ele, Saramago não tinha nascido adulto, e precisava compreender o intervalo que houve entre aquele homem de sessenta anos e o homem jovem. Só assim compreenderia o escritor em sua formação total, o que nos leva a inferir que isso possa justificar tanta postergação para a publicação dessa entrevista.

**Maria Aparecida da Costa** – Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com Doutorado sanduíche na FLUC – Coimbra. Pós-doutora pela mesma Universidade; Professora de Literatura Luso-Brasileira e Membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil. Membro do Grupo de Estudos Críticos da Literatura – GECLIT; e do Grupo de Pesquisa de Literatura de Língua Portuguesa – GPORT.

**Contato:** mariaaparecida@uern.br